

A contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras dos séculos XIX e XX para construção de uma Bibliografia Negra

Franciële Carneiro Garcês da Silva

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC).

<https://orcid.org/0000-0002-2828-416X>

Dirnéle Carneiro Garcez

Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<https://orcid.org/0000-0002-3061-9352>

Diná Marques Pereira Araújo

Bibliotecária-documentalista na Universidade Federal de Minas Gerais. Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

<https://orcid.org/0000-0001-8251-255X>

Priscila Rufino Fevrier

Doutoranda em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT-UFRJ).

<https://orcid.org/0000-0003-3641-5200>

Gabriel de Melo Vieira

Mestrando em Gestão da Informação, na Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC).

<https://orcid.org/0000-0001-6003-5369>

Submetido em: 31/08/2022. Aprovado em: 24/02/2023. Publicado em: 22/09/2023.

RESUMO

Este artigo aborda a contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras na coleta, preservação, organização e disponibilização de recursos informacionais sobre e para a população negra, africana e da diáspora nos séculos XIX e XX no contexto estadunidense. Em seu desenvolvimento, reflete sobre a bibliografia e bibliofilia na constituição de acervos, as coleções especiais negras e a Bibliografia Negra para justiça social no contexto segregacionista, apresentando as estratégias para acesso à informação, ao livro e à biblioteca pela comunidade negra. Por fim, apresenta a contribuição de cinco personagens principais, a saber: o colecionador David Ruggles, o bibliófilo Arthur Alfonso Schomburg e os bibliógrafos Daniel Alexander Payne Murray, Monroe Nathan Work e Dorothy Porter Wesley. Suas contribuições em documentar a história, vida e experiências negras, africanas e da diáspora, bem como na construção de coleções, centros e bibliotecas negras, até hoje servem de fontes de informação para reparação epistêmica e histórica dessas populações.

Palavras-chave: bibliografia negra; coleções negras; história negra; justiça social; bibliofilia; Estados Unidos da América.

INTRODUÇÃO

A era segregacionista estadunidense foi um período de privação do acesso a direitos civis e informação à população negra por intermédio de leis discriminatórias existentes entre 1870 e 1960, que tinham como base a legislação usada durante o processo de escravidão nos Estados Unidos da América (EUA). A segregação racial foi implementada inicialmente pelos Estados do Sul e depois se espalhou por todo solo estadunidense, via Leis de Jim Crow, as quais foram elaboradas visando manter a hierarquia racial existente no país após o fim da Guerra Civil.

Os Black Codes [códigos negros] institucionalizaram a negação de direitos da população negra estadunidense no que concerne ao direito ao voto, proibição de possuir bens e propriedades, gerir negócios, casar-se com pessoas brancas (casamentos interraciais), negava o acesso e uso de espaços comuns, como hotéis, cinemas, escolas, bibliotecas, assim como perpetuava essa separação entre brancos e negros, via marginalização econômica, política e educacional destes últimos (Blackmore, 2020). Consequentemente, tal período contribuiu para a exclusão informacional de grupos negros e não-brancos desprovido-os de elementos que possibilitassem transformar suas realidades sociais por intermédio das escolas, universidades e bibliotecas (Cresswell, 1996; Cutter, 2011; Poole, 2018; Wiegand; Wiegand, 2018).

Com o passar dos anos foram aprovadas emendas constitucionais com vistas à garantia de liberdade e direitos civis às pessoas negras. Entretanto, permanecia a dificuldade de acesso à informação sobre as história e cultura afrodiáspóricas. Dentre os motivos estava a localização das bibliotecas, as quais ficavam em zonas frequentadas por brancos, o que impedia as pessoas negras de acessarem os espaços, serviços e acervos das mesmas. Ademais, as bibliotecas segregadas exclusivas para pessoas negras continham acervos limitados e estruturas físicas frágeis, o que restringia o conhecimento adquirido, via materiais do acervo e aos serviços destinados à comunidade.

Por fim, as coleções, materiais e registros informacionais sobre a história negra escritos por e para pessoas negras em bibliotecas públicas, municipais e universitárias estavam aquém do ideal para atendê-las. Assim, à época, havia a necessidade de estabelecer bibliografias que documentassem a experiência e a contribuição da população negra, africana e da diáspora na construção dos Estados Unidos da América (Porter, 1969a; Jones, 1971; Wiegand, 2017).

Conforme os escritos de Dorothy Porter (1969a, 1969b), uma das iniciativas usadas para preencher a lacuna informacional da referida população esteve na criação de sociedades literárias negras, e com elas, a de bibliotecas circulantes e salas de leitura. Dentre o período de 1828 e 1846, foram organizadas 45 sociedades literárias em cidades do Leste, a partir de iniciativas individuais ou coletivas de sujeitos negros. Para fins de recorte, esta pesquisa circunscreverá ao período segregacionista antes da instauração do movimento dos direitos civis estabelecido na década de 1960. Assim, buscamos investigar a contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras dos séculos XIX e XX na coleta, organização, preservação e disponibilização de informações sobre, para e da população afro-americana, africana e da diáspora quando as bibliotecas falharam em fazer este papel.

Metodologicamente, trata-se de um estudo bibliográfico e documental que se ocupou de recuperar informações sobre esses sujeitos, pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras na produção científica da Biblioteconomia Negra Americana publicada em forma de livros, capítulos, artigos e bibliografias no período de 1830 a 1960. Para tanto, este artigo está elaborado em seis partes, a saber: a introdução com objetivo geral da pesquisa, para o qual sucedeu uma introdução à Bibliografia e Bibliofilia na constituição de acervos, a conceituação da bibliografia negra e seu papel para a justiça social e reparação epistêmica, as coleções especiais negras e, por fim, apresenta as colaborações de pessoas bibliófilas e bibliógrafas na criação das atuais coleções, centros e bibliotecas que atualmente conhecemos. O artigo é concluído com as considerações finais do estudo.

BIBLIOGRAFIA E BIBLIOFILIA NA CONSTITUIÇÃO DE ACERVOS

O colecionismo da cultura escrita desde a Antiguidade, Período Medieval, Período Moderno e Contemporâneo pode ser entendido como a arte e a ciência do amor aos livros – tradicionalmente chamado de Bibliofilia (biblio + philie). A longa história da Bibliofilia relata que o amor aos documentos gráficos atravessa tanto os desejos da posse frívola por documentos gráficos, até a ostentação de grandes bibliotecas patrimoniais com a presença de personagens que marcam um território da cultura letrada para poucos iniciados. A Bibliofilia é, sobretudo, uma prática sociocultural (Sordet, 2002) que abrange uma ampla gama de sensibilidades em torno do colecionismo de textos. Estes podem ser material e formalmente chamados de livros, opúsculo, folhetos, folhas volantes. E, ainda, caracterizados como ordinários, antigos, raros, preciosos e curiosos. Os objetos de Bibliofilia são escolhidos por diversos valores: dos utilitários, aos desejos de posse pela erudição, posse para afirmar distinção social-patrimonial, posse associada à disfunção do amor ao objeto gráfico, que é a Bibliomania. Uma abordagem associada ao colecionismo de objetos que pode ser aplicada aos estudos do colecionismo bibliográficos estão presentes em Baudrillard (1969, 2009), contudo, não será foco da presente abordagem.

Nos muitos cenários, temporais e culturais, nucleados pela Bibliofilia e pela Bibliografia, a pessoa bibliófila e a pessoa bibliógrafa são os atores que constituem uma identidade bibliográfica, materializada na forma de uma biblioteca, a partir das narrativas textuais (palavras-imagens) dos temas que lhe são estimados. Na longa duração da história dos textos e de suas materialidades, a Bibliofilia foi essencial para selecionar, colher e preservar os textos reconhecidos como especiais e, por isso, o desejo enquanto memória que precisa ser mantida ‘para sempre’.

Em termos de constituição de uma coleção particular, a seleção de documentos, na Bibliofilia, foi e é atravessada por teias socioculturais que influenciam sua formação, tais como: (a) a relevância dada ao texto pelo tema que aborda, que, por sua vez, relaciona-se aos valores sociais, políticos e econômicos que condicionam quais os discursos são reconhecidos enquanto válidos e representantes do conhecimento de determinada sociedade; (b) a rede de produção e circulação de textos – dos suportes (pergaminhos, papéis, couros, telas digitais), às técnicas de impressão, ao mercado do livro.

Nesse cenário de valores para a constituição de coleções particulares a Bibliografia está presente, quer seja na sua face mais recorrente que é a repertorial, como fonte de informação, mas também enquanto ciência dedicada à organização técnica-formal e definição temática-conceitual das coleções.

A presença de coleções particulares formadas por pessoas bibliófilas é frequente na história das bibliotecas – universitárias e públicas, particulares ou privadas – onde tais coleções irão compor os acervos de memória e poderão ser identificadas como coleções especiais por ser originada de uma coleção pessoal, pela temática que aborda e pelas trajetórias sociais, políticas e culturais que permitiram sua chegada até uma instituição, com fins de memória e identidade. A partir desta perspectiva, inicialmente, é possível considerar que a Bibliofilia ajudou a preservar textos referentes aos discursos hegemônicos e dominantes na cultura escrita. Enquanto uma das grandes contribuições da Bibliofilia, sobretudo, em suas diversas manifestações, haja vista o império da raridade¹ definindo o universo do documento gráfico que deveria ser colecionado, a Bibliofilia contribui para a preservação de documentos gráficos representativos da cultural do norte global. Entretanto, a Bibliofilia também contou com pessoas que definiram como tema de suas coleções os discursos não validados por sua sociedade e que contribuíram e contribuem para a constituição de coleções que se

¹ A discussão da raridade não é foco do presente artigo, sobre a raridade, ver: Viardot (1983, 1986, 2008). Sobre teoria da raridade, elementos condicionantes da raridade e qualitativos da raridade, ver: Araújo, Silveira e Reis (2018).

metamorfosaram em acervos de memória na atualidade. Contudo, a grande maioria das coleções de livros curiosos, raros, antigos, exóticos reúnem, sobretudo, o documento gráfico que se convencionou chamar especial, devido às características citadas acima quando de sua formação, mas, também, porque refletem, reforçam e delimitam um discurso que se impõe como majoritário para determinada área. Mas qual contexto e quais atores escolhem os textos que compõem os acervos para a memória? Em que medida o questionamento e o enfrentamento de um sistema bibliofílico e bibliográfico majoritariamente colonizador pode resultar em iniciativas e trajetórias perenes de constituição de acervos das memórias múltiplas? A imposição de uma cultura em detrimento de outra é evidente quando se trata, por exemplo, da constituição de coleções e de repertórios bibliográficos sobre a história e cultura negras – que quase sempre refletem o discurso do explorador e ainda o silenciamento de documentos quando da elaboração de bibliografias.

Nesse sentido, enfocamos a seguir na constituição da Bibliografia Negra direcionada a suprir as lacunas históricas com relação à contribuição negra na construção das diversas áreas do conhecimento e no mundo que vivemos, assim como reparar as violências e injustiças epistêmicas incutidas ao conhecimento negro engendradas pelo discurso colonizador.

BIBLIOGRAFIA NEGRA PARA JUSTIÇA SOCIAL E REPAÇÃO EPISTÊMICA NEGRA

Quando abordamos a justiça social, estamos pressupondo tratamento e distribuição justos de recursos e bens epistêmicos (informação, educação e conhecimento) para todas as pessoas, orientados por valores como ética, solidariedade, cuidado e respeito mútuo entre os sujeitos (Brownlee *et al.*, 2012; Mathiesen, 2016; Mehra, 2015; Silva; Garcez; Silva, 2022).

Conceitualmente, a justiça social se refere à capacidade dos sujeitos participarem como pares dentro da sociedade (Fraser, 2008). Dessa forma, partimos do entendimento de que para se obter justiça social por intermédio da bibliografia é preciso superar o princípio da ausência (Kilomba, 2020) aplicado sobre o conhecimento negro, africano e de outros grupos étnico-raciais colocados às margens dentro das bibliotecas, acervos e demais espaços informacionais. Ou seja, que as informações contidas em diversos suportes sobre a construção de ser uma pessoa negra na sociedade estadunidense e em outros lugares do globo, assim como todos os processos históricos, culturais, políticos e educacionais de grupos étnico-racialmente marginalizados estejam visíveis, equitativamente representados e acessíveis para todas as pessoas.

As bibliografias podem auxiliar no enfrentamento a ações epistemicidas e memoricidas da população negra e afrodiáspórica (Missiatto, 2021; Patin *et al.*, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022) e promover a Bibliografia Negra atendendo aos princípios da justiça social e suas esferas (social, racial, ecológica, de gênero e informacional) (Silva *et al.*, 2021a), sobretudo ao focar o pensamento e legado ancestral de, sobre e por grupos étnico-raciais aviltados pelos processos coloniais e capitalistas, e pela centralidade da raça nas sociedades ocidentais.

No que se relaciona ao conceito Bibliografia Negra, este se refere à reunião, produção, organização, representação e disponibilização de documentos que retratam a experiência e vida negra sob a ótica da e sobre a população africana, negra e da diáspora africana, via bibliografia. Para além da reparação epistêmica e histórica, a Bibliografia Negra serve para denunciar a luta contra o apartheid epistêmico (Rabaka, 2010), possibilitado pela segregação intelectual de conhecimentos oriundos de grupos étnico-raciais historicamente excluídos, especialmente aqueles situados fora dos muros das universidades (Silva; Silva, 2022).

No contexto segregacionista estadunidense, a produção de uma bibliografia negra teve papel fundamental na constituição de acervos – que demonstra, sobretudo, o engajamento pela reparação epistêmica negra (Silva; Garcez; Silva, 2022), E Agenciamentos de pessoas bibliógrafas e bibliófilas negras que atuaram na evidência de memórias silenciadas e apagadas.

Antes de apresentarmos tais atores, iremos contextualizar as coleções negras especiais como parte da Biblioteconomia de Livros Raros, as quais foram construídas com o intuito de preservar o legado ancestral negro para as gerações futuras.

COLEÇÕES NEGRAS ESPECIAIS

A Biblioteconomia de Livros Raros, tradicional vertente da Biblioteconomia, teve suas práticas formalmente instituídas em países do hemisfério norte, sobretudo na Europa. Sua destacada ocorrência em países de língua inglesa não significa que demais culturas não se dedicaram ou mesmo não adotaram a expressão “Biblioteconomia de Livros Raros” para delimitar o vasto horizonte de práticas com os acervos bibliográficos antigos e raros.

É possível considerar que as práticas bibliográficas praticadas nas bibliotecas de ordens religiosas do medievo são heranças das formas de se privilegiar a preciosidade e a antiguidade de alguns documentos gráficos em comparação a outros e, por isso, deixaram como legado para a era moderna alguns dos modos de se reverenciar as raridades.

No mundo europeu, as práticas bibliográficas fundadas de Conrad Gesner (1516-1565), Gabriel Naudé (1600-1653), bibliógrafos dos séculos XVI e XVII, dentre outros, contribuíram para o estabelecimento dos pilares necessários para a formação da “biblioteca ideal”. Ideal atravessado pelo colecionismo librário, que, em grande medida, se entrelaçou com as práticas das bibliotecas universitárias e públicas ao longo de suas histórias.

Todo esse cenário, culminou na constituição de uma face da Biblioteconomia voltada para os documentos gráficos antigos, preciosos, raros e especiais.

Na Inglaterra, por exemplo, quando da aquisição da biblioteca Bodleiana² pela Universidade de Oxford, surgiu a necessidade de estabelecer práticas biblioteconômicas para os livros raros de bibliotecas particulares, que eram doados para a instituição. O bibliotecário inglês Bulkeley Bandinel (1761-1861) dedicou seu trabalho às coleções especiais e livros raros daquela universidade, quando no século XVIII criou o Auctarium na Bodleian destinado à guarda de livros de perfil especial. De acordo com Feather (1982), Bandinel:

[...] considerava como os mais excelentes da biblioteca: manuscritos iluminados, incunábulo, belas impressões, grandes cópias em papel, editiones principes dos clássicos Aldinos, Elsevier e encadernações de luxo. [...] Na tentativa de reproduzir, em grande escala, as atuais modas bibliófilas, Bandinel involuntariamente criou a ideia da Biblioteconomia de Livros Raros como é agora entendido: o lugar especial e o tratamento de forma arbitrária de categorias predeterminadas de livros (Feather, 1982, p. 32, tradução nossa)³.

O ‘lugar especial’ para preservação dos documentos gráficos impostos como merecedores de memória tinha em conta sua raridade indissociada dos discursos, também, impostos como hegemônicos.

Nos séculos seguintes, XIX e XX, teóricos anglo-americanos permaneceram usando a expressão Biblioteconomia de Livros Raros e Coleções Especiais⁴, dentre eles Berger (2014), Cave (1976), Galbraith e Smith (2012) e Traister (2003).

² Sir Thomas Bodley (1545-1613) “doou sua coleção de livros à Universidade de Oxford.” (Burke, 2003, p. 66).

³ Original: “[...] regarded as the Library’s choicest books: illuminated manuscripts, incunabula, fine printing, large paper copies, editiones principes of the classics, Aldines, Elzeviers, and fine bindings [...] In attempting to reproduce, on a grand scale, the current bibliophilic fashions, Bandinel had unintentionally created the idea of rare-book librarianship as it is now understood: the special housing and treatment of arbitrarily predetermined categories of books” (Feather, 1982, p. 32).

⁴ Rare Book Librarianship and Special Collections.

As práticas biblioteconômicas com coleções especiais em outros continentes e países nestes dois séculos também tiveram práticas locais importantes, mas de um modo geral, constantemente influenciadas e balizadas pelo modelo normativo-arbitrário europeu de raridade libraria⁵.

As nomeações atribuídas para esses acervos antigos e raros apresentam variações que matizam entre Biblioteca Histórica, Biblioteca Patrimonial, Coleções Especiais, Fundos Antigos, Obras Raras, Sala do Tesouro, Livros Antigos, Coleção Patrimonial, dentre outros, sendo mais recorrente a expressão Coleções Especiais. Estas coleções em bibliotecas se distinguem das coleções correntes – aquelas com acervo destinado ao empréstimo domiciliar e consulta local.

Uma coleção especial pode conter livro antigos, livros raros e livros contemporâneos. É o escopo determinado para sua formação que indicará se ela será integralmente constituída por livros raros, ou mesmo se terá um recorte temporal específico como, por exemplo, conter apenas livros impressos em Pernambuco nos primeiros cinquenta anos do século XX.

Quanto ao histórico de formação de uma coleção especial, mais precisamente sobre sua proveniência enquanto coleção, tal coleção pode ter sido construída por uma pessoa bibliófila e em determinado momento ter sido incorporada a um acervo de uma biblioteca pública, como é o caso do Schomburg Center for Research in Black Culture⁶ originado da coleção pessoal do bibliófilo e bibliotecário, Arturo Alfonso Schomburg, que posteriormente foi adquirida pela Biblioteca Pública de Nova York; ou ainda ser uma coleção especial que foi desenvolvida pela própria instituição para reunir e preservar livros antigos e atuais que tratam sobre determinado tema, como a história da ciência, por exemplo.

Há vários outros exemplos, mas o que queremos enfatizar é que as coleções especiais são múltiplas em características documentais, proveniência e escopo. Elas podem conter apenas uma tipologia documental, como também podem ser híbridas – formadas tanto por documentos bibliográficos quanto arquivísticos. Ainda quanto às suas características documentais, se assim for pré-determinado, coleções especiais poderão conter tipologias temáticas, gêneros e categorias que se mesclam para compô-la. Como exemplos de tais elementos, podemos citar: livros raros da área de ciências médicas, livros antigos da área de ciências jurídicas, livros de artista produzidos no México, entre outros.

Não é do escopo do presente artigo⁷ conceituar os gêneros e as categorias dos documentos gráficos inclusos em coleções especiais, tais como: raro⁸, antigo⁹, exótico e inusitado.

A partir de Araújo e Reis (2017) e Sordet (2002) compreendemos que, no colecionismo bibliográfico, os adjetivos “exótico” e “inusitado” estão dentro das manifestações da raridade bibliofílica.

Enfim, com diretrizes para sua formação (tipologias documentais, gêneros/categorias, recorte temporal, língua(s), cobertura temática, dentre outros), as coleções especiais refletem os significados particulares (dentro da Bibliofilia ou em instituições públicas) do que determinada comunidade decidiu guardar no passado e no presente, para o presente e o futuro, pela importância daquilo que os documentos da coleção possui, contém e representa.

Para além das discussões de memória e raridade, as coleções especiais se distinguem das coleções correntes “por sua constituição temática, finalidade, características materiais e significados patrimoniais para a instituição que as preservam” (Araújo; Reis, 2016, p. 184).

⁷ Em outra oportunidade, iremos aprofundar o debate sobre tais adjetivos e seus atravessamentos e apagamentos em relação às coleções negras especiais.

⁸ Sobre livro raro ver: Pinheiro (1989), Rodrigues (2011) e Sant’ana (1996).

⁹ Sobre livro antigo, ver: Pedraza Garcia, Clemente San Román e Reyes Gómez (2003).

⁵ Discussões sobre a raridade na Biblioteconomia brasileira podem ser consultadas em Araújo e Reis (2016, 2017).

⁶ O Centro pode ser acessado em: <https://www.nypl.org/about/locations/schomburg>. Acesso em: 10 fev. 2023.

Ademais dos modelos de gerenciamento dessas coleções especiais, o importante em destacar aqui é que o modelo conceitual que fundamenta a sua formação, de modo geral, são os preceitos da cultura colonizadora, branca e europeia.

Tal modelo, que reflete a própria estrutura social de exclusão da cultura negra, compromete as memórias negras, pois elas, ao se transformarem em texto material, acabam não atendendo às ordens arbitradas para compor as coleções ditas especiais. Nesse sentido, há acervos de memória que possuem documentos gráficos que materializam, em grande medida, textos que preservam o olhar e as vozes do colonizador, mas não a cultura negra. A partir da década de 1960, o cenário de formação de coleções negras especiais estadunidenses tem um aumento associado às necessidades do ensino (médio e superior). As coleções negras (Black collections) são fontes de pesquisa que “contêm uma riqueza de conhecimento que apoia, aumenta e inspira não apenas os estudos negros, mas potencialmente também qualquer investigação pertencente a pessoas da diáspora africana” (Bledsoe, 2018, online, tradução nossa)¹⁰.

O aumento na elaboração de coleções negras se deve também às pessoas bibliógrafas e bibliófilas negras nos séculos XIX e XX a serem destacadas no presente artigo. Ao realizar um levantamento sobre coleções negras especiais em universidades e faculdades estadunidenses, Smith (1974) aponta que apesar de serem essenciais para preservação da história da cultura negra e da qualidade de seus profissionais e dos serviços que ofereciam, haviam dificuldades para a formação e desenvolvimento dessas coleções: (a) escassos recursos financeiros para a sua manutenção (ao contrário do que ocorria com as coleções especiais monumentalizadas e não sucateadas pela segregação social); (b) identificação de documentos gráficos produzidos por pessoas negras: pela escassez de sua produção, pela preservação de documentos antigos e pela escassez de bibliografias que reúnam estes documentos; (c) necessidade de pessoas bibliotecárias negras

envolvidas e interessadas em preservar a memória da cultura negra; (d) necessidade de controle bibliográfico da produção. Tais Coleções Negras Especiais não são exclusivamente de caráter bibliográfico, mas incluem documentos arquivísticos e itens que compõem a memorabilia negra mundial, especialmente no que se refere às materialidades da experiência negra.

Tais coleções se tornaram instrumentos no confronto às perspectivas hegemônicas na medida em que combatem ao princípio da ausência tornando visíveis e acessíveis ao público essas coleções e recursos informacionais disponíveis para consulta e pesquisa pelas comunidades (Kilomba, 2020; Silva; Garcez; Silva, 2022). Ademais, configuram táticas de resistência negra em bibliotecas e na Bibliografia por evidenciar registros e a representação do conhecimento negro ao longo da história mundial.

A seguir, apresentaremos algumas pessoas bibliófilas e bibliógrafas responsáveis pela construção de coleções, bibliografias e bibliotecas que configuram, o que entendemos neste texto, a Bibliografia Negra.

PESSOAS BIBLIÓFILAS E BIBLIÓGRAFAS NEGRAS DO SÉCULO XIX E XX E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A COMUNIDADE NEGRA

Nessa seção, retomamos o enfoque sobre para a construção de um legado ancestral negro elaborado por pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras. Durante o período segregacionista nos Estados Unidos da América (EUA), enfoque delimitado por esta pesquisa, encontramos pessoas negras bibliófilas, bibliógrafas e colecionadoras que colaboraram para a coleta, organização e produção de bibliografias as quais contribuíram para o conhecimento sobre a história e experiência negra e afrodiaspórica nos EUA e no mundo.

¹⁰ Original: “They contain a wealth of knowledge that supports, augments, and inspires not only Black Studies, but potentially also any investigation pertaining to people of the African diáspora” (Bledsoe, 2018, online).

Nesse cenário, a formação de bibliotecas – com paredes e sem paredes¹¹ – sobre a população negra teve como percursos atores basilares, dentre os quais, destacamos a seguir, por ordem cronológica, uma breve explanação sobre a contribuição de cada um deles.

a) 1830 – David Ruggles (1810-1849) foi abolicionista radical negro, jornalista, panfleteiro e impressor, considerado o primeiro colecionador de livros sobre comunidade negra e afrodiáspórica. O abolicionismo radical de Ruggles englobou diferentes correntes de ativismo, como religião evangélica, temperança, educação, migração negra para o Canadá, oposição à American Colonization Society, legislação antiescravagista e defesa de direitos civis negros melhorados com uma defesa mais conflituosa de escravizados fugitivos em oposição aos comerciantes de escravizados (Hodges, 2010). Em seu ativismo antiescravista escreveu centenas de cartas para jornais abolicionistas, publicou cinco panfletos de sua autoria e editou a primeira revista afro-americana, a *Mirror of Freedom*. Foi Ruggles o primeiro negro estadunidense que teve sua própria marca e publicou seu próprio panfleto em 1834, uma conquista que ilumina a autonomia que pessoas negras encontraram no mundo da impressão. No ano de 1830, criou a primeira livraria e biblioteca itinerante para disponibilizar livros e publicações sobre e da população negra, antiescravidão e a anticolonização para leitores da comunidade negra de Nova York. Para mantê-la em crescimento cobrava uma taxa de vinte e cinco centavos por mês pelo aluguel dos seus livros. Ele também fazia trabalhos de impressão, impressão de cartas, emoldurava fotos, fazia composição de cartas e livros encadernados. Alguns anos depois, Ruggles forneceu uma sala de leitura para pessoas negras e outras não-brancas que foram excluídas por causa de sua cor de instituições literárias, palestras e salas de leitura fornecidas principalmente para pessoas brancas.

¹¹ As bibliotecas com paredes, aquelas físicas (o espaço físico); e bibliotecas sem paredes: as bibliografias, a constituição ideal de textos sobre determinado tema (Chartier, 1998).

Ruggles estava convencido de que tal sala atendia as necessidades da população negra e para aquisição do que chamou de virtude moral adquirida por observação, leitura e reflexão. Ruggles também esperava que a sala se tornasse um “centro de atração literária para jovens” sedentos por informação e conhecimento, e por isso considerava como os serviços mais importantes da sala o acesso aos principais jornais diários e antiescravidão, folhetos e outros jornais diários ao alcance do público negro (Porter, 1943, 1969b; Hodges, 2010).

b) 1871 – Daniel Alexander Payne Murray (1852-1925) foi bibliógrafo, historiador e bibliotecário¹² da Library of Congress entre 1871 e 1923, e um dos primeiros afro-americanos a ser contratado como funcionário da referida biblioteca. Em 1900, foi publicada a *Preliminary List of Books and Pamphlets by Negro Authors for Paris Exposition and Library of Congress* escrita por Daniel Murray, considerada a primeira bibliografia de literatura afro-americana da Library of Congress. A compilação de Murray consistia em uma lista de títulos, incluindo obras de Frederick Douglass, W. E. B. Du Bois, Paul L. Dunbar, Sojourner Truth, Booker T. Washington, Phyllis Wheatley e muitos outros, cobrindo tópicos que vão desde a história africana, a população africana, a história dos negros na América, narrativas de escravizados, sermões, a história da igreja negra e poesia. Além de escrever sobre a história, vida e realizações literárias da população negra americana, Murray atuou politicamente – junto a líderes como W. E. B. Du Bois – contra as teorias eugenistas propagadas à época, as quais defendiam a suposta inferioridade racial negra e alegavam que pessoas negras não haviam realizado contribuições para a ciência.

¹² Murray não recebeu educação formal em uma escola de Biblioteconomia para atuar como bibliotecário. Recebeu este título por ter sido mentorado pelo bibliotecário da Library of Congress, Rand Spofford, que tornou Murray seu bibliotecário assistente. Assim, o treinou e o incentivou a aprender as práticas dos bibliotecários da Instituição (Cole, 2021).

Pensando em confrontar tal perspectiva e colaborar para o conhecimento produzido por negros, Murray se concentrou na elaboração da sua principal contribuição: a *Murray's Historical and Biographical Encyclopedia of the Colored Race Throughout the World* (Murray, 1912), com 153 páginas, continha 250 retratos biográficos, além de reunir panfletos, sinopses de romances e composições musicais. Apesar de todos seus esforços, não conseguiu apoio financeiro e nem editorial para publicar sua enciclopédia multivolumes, e até hoje poucas pessoas conhecem sua realização como bibliógrafo de uma das principais bibliografias da história negra afro-americana (Cole, 2021; Harris Jr, 1976; Walker, 2005).

- c) 1900 – Monroe Nathan Work (1866-1945) foi bibliógrafo e sociólogo negro que atuou produzindo artigos sobre a vida e experiência negra na América do Norte, assim como as instituições e costumes africanos. Descendente de pessoas escravizadas, produziu sobre o problema racial e suas consequências. Sua primeira publicação foi *The Negro and Crime in Chicago*, fruto de seu trabalho de conclusão na Universidade de Chicago, publicado em 1900 no *The American Journal of Sociology*.¹³ Outra publicação de destaque é o *The Negro Year Book*, a qual continha compilação de informações econômicas, sociais e histórias sobre a população negra na América do Norte. Como editor, Work publicou a primeira edição desta obra de forma gratuita em 1912, pela Tuskegee University. Após o interesse da população, as edições posteriores passaram a ser comercializadas por 25 centavos. O propósito desta bibliografia era atender à demanda de todas as partes dos EUA e do mundo por informações precisas e concisas a respeito da história e do progresso da população negra americana e da diáspora africana. Dentro do *Negro Year Book* existe uma seção intitulada *A select bibliography of the negro*, contendo 408 referências classificadas.

¹³ Publicado sob o título: *Crime among the Negroes of Chicago: a social study*.

Além de panfletos, contém uma lista de artigos e publicações de vários tipos, classificadas e organizadas de forma sistemática para facilitar a consulta e atender às necessidades das pessoas interessadas. Durante seus mais de 40 anos de publicação, o *Negro Year Book* só não foi editado em 1920/21, 1923/24, 1927/28, 1929/30, 1933-36, 1939-46 e 1948-51. Para além dessa bibliografia, o trabalho de Work produziu a *Bibliography of the Negro in Africa and America* publicada em 1928 com mais de 17 mil entradas, as quais incluíam diversos itens raros. Seu objetivo era fornecer um guia preciso e abrangente para os títulos e autores dos livros, panfletos e artigos mais valiosos de periódicos sobre a comunidade negra na África e na América. Esse trabalho iniciou de forma despretensiosa em 1905, quando Work se interessou pelo estudo da África e, para auxiliar na sistematização das informações coletadas, passou a fazer uma bibliografia das referências. Ele percebeu que a Library of Congress tinha cartões sobre a África que podiam ser adquiridos e, depois do sucesso do *Negro Year Book*, houve demanda crescente por mais material bibliográfico para o estudo da história e experiência negra e afrodiáspórica por pessoas interessadas nesses assuntos. Em 1921, a Carnegie Corporation, de Nova York, concedeu uma bolsa para pesquisa ao Departamento de Registros e Pesquisa, do Tuskegee Institute, onde Work era diretor. Essa bolsa o permitiu começar a compilar uma bibliografia sobre a população negra de maneira mais ampla. Desse trabalho, nasceu a primeira edição da bibliografia *Bibliography of the Negro in Africa and America* inicialmente constituída de mais de 3 mil referências relacionadas à população negra e afrodiáspórica nos EUA. Posteriormente, da parceria entre Phelps-Stokes Fund e do Tuskegee Institute, Work teve a oportunidade de ir à Europa consultar autoridades em línguas e culturas africanas e coletar referências para a bibliografia. Adicionou mais de 40.000 títulos das publicações em diferentes línguas publicadas antes de 1928.

Em suma, sua constituição contém classificação por assuntos que cobrem todas as fases da vida e história negras, com assuntos tão importantes e diversificados como: Civilizações Africanas, Missões Cristãs na África, o status do Escravizado nos EUA, a moderna Ku-Klux-Klan, Sociedades Secretas Negras nos EUA, Mulheres Negras nos EUA, Condições Atuais do Negro na América do Sul. Além disso, contém uma série de entradas de mapas, atlas e manuscritos relacionados ao início da história da África (Carter, 2010; Guzman, 1949; Work, 1900, 1919, 1928, 1929).

d) 1925 – Arthur Alfonso Schomburg (1874-1938) foi bibliófilo negro, curador e historiador autodidata, formou uma das mais notáveis coleções de materiais informacionais relativos à história, cultura experiências afro-americanas, da diáspora africana e da África: o Schomburg Center for Research in Black Culture, hoje parte da Biblioteca Pública de Nova York e transformado em Patrimônio Histórico Nacional dos EUA em 2017. Quando foi criado por Schomburg em 1925 era chamado de Division of Negro Literature, History and Prints, na localizada na 135th Street Branch Library, e tinha o intuito de preencher as lacunas e atender as necessidades de informação da comunidade. O Centro foi desenvolvido em torno da sua biblioteca pessoal, a qual em 1926 foi comprada pela Carnegie Corporation e doada à Biblioteca Pública de Nova Iorque (New York Public Library, 2021; Porter, 1969a; Sinette, 2000).

e) 1945 – Dorothy Burnet Porter Wesley (1905-1995) foi colecionadora, bibliógrafa e bibliotecária negra da Howard University desde o ano de 1928 com reconhecida contribuição para a construção do Moorland-Spangarn Research Center. Devido ao seu trabalho de mais de 40 anos, Dorothy Porter Wesley elaborou uma das mais abrangentes coleções negras da história e memorabilia da população negra, africana e afrodiáspórica. Com relação às bibliografias, Dorothy Porter

Wesley elaborou *The Negro in the United States: a selected bibliography* contendo 1.781 referências produzidas por pessoas negras e distribuídas em 40 assuntos, em ordem alfabética. Conforme Wesley, havia um crescente interesse pela história e cultura negra, manifestada pela inserção dessas nos cursos, disciplinas, faculdades e currículos universitários, o que gerou uma demanda por listas de livros que podem ser usados para apoiar tais estudos. Por isso, a *The Negro* foi uma bibliografia elaborada para atender às necessidades atuais de estudantes, docentes, pessoas bibliotecários, pesquisadoras e do público em geral para orientação introdutória aos Estudos Negros e da Diáspora Africana nos EUA. Enquanto uma bibliografia seletiva e não exaustiva, contém entre os temas abordados a pessoa negra urbana, as relações étnico-raciais, as práticas discriminatórias em todas as áreas e os esforços para obter liberdade política e econômica, bem como a educação e a história cultural negra, a vida religiosa negra, as condições sociais em que vivia a população negra, e seu passado histórico. Além disso, estão incluídos trabalhos que retratam a vida de pessoas negras proeminentes – abolicionistas, escravizadas fugitivas, educadoras, líderes dos direitos civis, cientistas, jornalistas, líderes religiosas, artistas, atletas e figuras literárias. Elaborou ainda a *Early American Negro Writings: A Bibliographical Study* (Porter, 1945) e *Afro-braziliana: a working bibliography* (Porter, 1978), todas compiladas buscando evidenciar as experiências, vida e obras de pessoas negras dos EUA e da diáspora africana (Porter, 1938, 1945, 1970, 1978; Silva *et al.*, 2021b, 2021c).

A formação de bibliotecas e a elaboração de bibliografias atravessam o engajamento desses atores na constituição da bibliografia negra. Destacamos, assim, a atuação deles, calcada na formação científica e nos estudos históricos e sociológicos, enquanto ações de resgate e de justiça social para a história, cultura e experiência da população negra estadunidense e mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliografias, enquanto instrumentos de apoio para formação de acervos, repertórios (idealmente) tudo o que se deseja identificar sobre determinado tema. Contudo, não deixam de ser reféns do que a cultura escrita permitiu que permanecesse para a memória. Assim, a produção bibliográfica de temas que não interessam ao status quo, quase que em sua totalidade, é passível de silenciamentos e apagamentos das narrativas de grupos marginalizados.

O presente resgate sobre os atores e contextos que contribuíram para a construção da Bibliografia Negra no contexto estadunidense visou destacar também a formação e a disponibilização de acesso aos textos da experiência, história e cultura negras. Pelo exposto, percebe-se que a Bibliografia Negra teve fases complementares e indissociáveis de desenvolvimento: uma voltada para a produção de repertórios bibliográficos, e outra dedicada à formação de coleções, inclusive, dentre elas, coleções bibliográficas especiais e documentos raros. Essas duas fases envolvem Bibliografia, Bibliofilia e Biblioteconomia na constituição da memória escrita da população negra e nas possibilidades de construção de identidades bibliográficas das culturas e experiências negras a partir da cultura escrita.

A importância dos estudos e da produção de bibliografias negras, no Brasil, é ainda uma lacuna, está em fase de construção, com muitos desafios a serem vencidos e com possibilidade de construção de novas narrativas sobre o passado da cultura negra afro-brasileira.

O presente estudo é, também, uma iniciativa de resgate das histórias das Coleções Negras Especiais estadunidenses para se pensar, sobretudo, o que são as Coleções Negras Especiais no Brasil, enquanto uma possibilidade de resgate da cultura negra brasileira.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliografias setecentistas e os conceitos de livro raro. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 22, p. 168-184, jul. 2017. Edição especial. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3239>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliotecas, bibliofilia e bibliografia: alguns apontamentos. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 7, p. 183-201, 2016. Edição especial. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v7iespp183-201>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliofilia e livros raros: uma abordagem histórico-cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018. Londrina. *Anais [...]* Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. p. 6172-6191.
- BAUDRILLARD, Jean. La morale des objets. *Communications*, Paris, v. 13, n. 1, 1969, p. 23-50. Disponível em: https://monoskop.org/images/7/70/Moles_Baudrillard_Boudon_van_Lier_Wahl_Morin_Les_objets.pdf. Acesso em: 26 ago. 2022.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BLACKMORE, Erin. As leis Jim Crow criaram ‘escravatura com outro nome’. *National Geographic*, [s. l.: s. n.], 2020.
- BLEDSON, Kara. What Dorothy Porter’s life meant for black studies. *JSTOR Daily*, New York, Aug. 22, 2018. Disponível em: <https://daily.jstor.org/what-dorothy-porters-life-meant-for-black-studies/>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- BERGER, Sidney E. *Rare books and special collections*. Chicago: American Library Association, 2014. 537 p.
- BROWNLEE, Joanne; SCHOLLES, Laura; FARRELL, Ann; DAVIS, Julie; COOK, Donna. Learning to lead: a social justice perspective on understanding elementary teacher leadership in Papua New Guinea. *Australian Journal of Teacher Education*, Perth, v. 37, n. 4, p. 18-35, Apr. 2012.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. v. 1.
- CAVE, Roderick. *Rare book librarianship*. London: Clive Bingley, 1976. 168 p.
- CARTER, Vivian L. Unsung Hero: Monroe Nathan Work (Theologian, social scientist, and crusader for social justice and civil rights). *Journal of Health Care for the Poor and Underserved*, Washington, v. 21, n. 3, p. 3-5, Aug. 2010.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. ed. Brasília, DF: Editora UnB, 1998. 111 p.

- COLE, John. Daniel Murray: A collector's legacy. In: *Library of Congress: collection african american perspectives: materials selected from the rare book collection*. Washington, DC: Library of Congress, 2021.
- CRESSWELL, Stephen. The last days of Jim Crow in southern libraries. *Libraries & Culture*, Austin, v. 31, n. 3/4, p. 557-573, 1996.
- CUTTER, Jamie Irene. *Getting by at the Benjamin Mays Black Branch: library access for african americans in Jim Crow South Carolina, 1940-1971*. Master's Theses (Master of Library and Information Science) – San José State University, San José, 2011.
- FEATHER, J. The rare-book librarian and bibliographical scholarship. *Journal of librarianship*, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 30-44, Jan. 1982. DOI: <https://doi.org/10.1177/096100068201400103>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- FRASER, Nancy. *Scales of Justice: reimagining political space in a globalizing world*. Cambridge: Polity Press, 2008.
- GALBRAITH, Steven K.; SMITH, Geoffrey D. *Rare book librarianship: an introduction and guide*. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2012. 185 p.
- GUZMAN, Jessie P. Monroe Nathan work and his contributions: background and preparation for life's career. *The Journal of Negro History*, Chicago, v. 34, n. 4, p. 428-461, Oct. 1949.
- HARRIS JR, Robert L. Daniel Murray and The Encyclopedia of the Colored Race. *Phylon*, Atlanta, v. 37, n. 3, p. 270-282, July/Sempr. 1976. DOI: <https://doi.org/10.2307/274456>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- HODGES, Graham Russell Gao. *David Ruggles: a radical black abolitionist and the underground railroad in New York City*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010.
- JONES, Clara Stanton. Interview. Detroit's Top Librarian. *EBONY*, Detroit, v. 27, n. 1, p. 115-118, Nov. 1971.
- KILOMBA, Grada. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020.
- MATHIESEN, Kay. Human Rights without Cultural Imperialism. In: JAEGER, Paul (ed.). *Perspectives on Libraries as Institutions of Human Rights and Social Justice*. West Yorkshire: Emerald Publishing, Feb. 2016. p. 265-286.
- MEHRA, Bharat. Social justice in library and information science and services. *Library Trends*, Illinois, v. 64, n. 2, p. 179-197, 2015.
- MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 13, n. 24, p. 252-273, jan./jul. 2021.
- MURRAY, Daniel P. (ed.). *Murray's Historical and Biographical Encyclopedia of the Colored Race Throughout the World*. Chicago, Washington: World's Cyclopedia Company, 1912.
- NEW YORK PUBLIC LIBRARY. *Schomburg Center for Research in Black Culture*. New York: The New York Public Library, 2021.
- PATIN, Beth; SEBASTIAN, Melinda; YEON, Jieun; BERTOLINI, Danielle. Toward epistemic justice: an approach for conceptualizing epistemicide in the information professions. *ASIS&T: Proceedings of the Association for Information Science and Technology*, Leesburg, v.57, n. 1, e242, Oct. 2020. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/pr2.242>.
- PEDRAZA GARCIA, Manuel José; CLEMENTE SAN ROMÁN, Yolanda; REYES GÓMEZ, Fermín de los. *El libro antiguo*. Madrid: Síntesis, 2003. 478 p.
- PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. *Que é livro raro? Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1989.
- POOLE, Alex H. "Could my dark hands break through the dark shadow?": gender, Jim Crow, and librarianship during the Long Freedom Struggle, 1935-1955. *The Library Quarterly: Information, Community, Policy*, Chicago, v. 88, n. 4, p. 348-374, Oct. 2018.
- PORTER, Dorothy B. *Afro-Braziliana: a working bibliography*. Boston: G. K. Hall, 1978.
- PORTER, Dorothy B. A library on the Negro. *The American Scholar*, Cambridge, v. 7, n. 1, p. 115-117, 1938.
- PORTER, Dorothy B. David Ruggles, an Apostle of Human Rights. *The Journal of Negro History*, Chicago, v. 28, n. 1, p. 23-50, Jan., 1943.
- PORTER, Dorothy B. Documentation on the Afro-American: familiar and less familiar sources. *African Studies Review*, New York, v. 12, n. 3, p. 293-303, Dec. 1969a.
- PORTER, Dorothy B. Early American Negro Writings: a bibliographical study. *The Papers of the Bibliographical Society of America*, Chicago, v. 39, n. 3, p. 192-268, July/Sept. 1945.
- PORTER, Dorothy B. *The Negro in the United States*. Washington, DC: Library of Congress, 1970.
- PORTER, Dorothy B. *The African Collection at Howard University*. *African Studies Bulletin*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 17-21, 1969b.
- RABAKA, Reiland. *Against Epistemic Apartheid*. W. E. B. Du Bois and the disciplinary decadence of sociology. Lanham: Lexington Book, 2010.
- RODRIGUES, Márcia Carvalho. O que é livro raro? *ComCiência: revista eletrônica de jornalismo científico*, Campinas, n. 127, abr. 2011.
- SANT'ANA, Rizio Bruno. Como definir obras raras: critérios na biblioteca Mário de Andrade. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n. 54, p. 231-252, jan./dez. 1996.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; SILVA, Rubens Alves da. Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o princípio da ausência, epistemicídio e reparação epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. *INCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 47-72, jul. 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em biblioteconomia e ciência da informação. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; ROMEIRO, Nathália Lima; FEVRIER, Priscila Rufino; ALVES, Ana Paula Meneses. Justiça para quem? justiça social, informacional, racial e de gênero em bibliotecas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: IBICT/UFRJ/ANCIB, 2021a. p. 1-16.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; ARAUJO, Diná M. Pereira; VIEIRA, Gabriel M. A contribuição de pessoas bibliófilas e bibliógrafas negras dos séculos XIX e XX para construção de uma bibliografia negra. In: A ARTE DA BIBLIOGRAFIA: BIBLIOGRAFIA E JUSTIÇA SOCIAL, 8., 2021, São Carlos. *Anais [...]*. São Carlos: UFSCar, 2021b. p. 1-8.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SALES, Rodrigo de; SALDANHA, Gustavo Silva. Dorothy Porter Wesley e a organização do conhecimento negro na coleção especial Moorland-Spingarn Research Center. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-23, nov. 2021c.

SINETTE, Elinor Des Verney. *Arthur Alfonso Schomburg: black bibliophile & collector*. Detroit: Wayne State University Press, 2000. 276 p.

SMITH, Jessie Carney. Special collections of black literature in the traditionally black college. *College & Research Libraries*, Chicago, v. 35, n. 5, p. 322-335, Sept. 1974.

SORDET, Yann. Bibliophilie. In: FOUCHÉ, Pascal; PÉCHOIN, Pascal; SHUWER, Philippe. (dir.). *Dictionnaire encyclopédique du livre*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002. p. 281-286.

TRAISTER, Daniel. Rare book. In: *Encyclopedia of Information and Library Science*. Abingdon: Routledge, 2003. 538 p.

VIARDOT, Jean. Le livre rare: collectionneurs et marchands spécialisés de Naudé à Nodier. *Bulletin du bibliophile*, n. 2, 1983, p. 157-173.

VIARDOT, Jean. Livres rares et pratiques bibliophiliques. In: CHARTIER, R.; MARTIN, Henri-Jean. (dir.). *Histoire de l'édition française: le livre triomphant 1660-1830*. Paris: Promodis, 1986. p. 583-614. v. 2.

VIARDOT, Jean. Un épisode du collectionnisme en fait de livre au XVIII^e siècle: le Musaeum Typographicum ou le goût des raretés superlatives. *Littératures classiques*, v. 2, n. 66, p. 161-178, 2008.

WIEGAND, Wayne A. "Any Ideas?": The American Library Association and the desegregation of public libraries in the American South. *Libraries: culture, history, and society*, Pennsylvania, v. 1, n. 1, p. 1-22, Mar. 2017.

WIEGAND, Wayne A.; WIEGAND, Shirley A. *The desegregation of public libraries in the Jim Crow South: civil rights and local activism*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2018.

WALKER, Billie E. Daniel Alexander Payne Murray (1852-1925): forgotten librarian, bibliographer, and historian. *Libraries & Culture, Austin*, v. 40, n. 1, p. 25-37, 2005.

WORK, Monroe N. Crime among the negroes of Chicago: a social study. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 6, n. 2, p. 204-223, Sept. 1900.

WORK, Monroe N. (ed.). *The Negro Year Book*. Alabama: Tuskegee Institute: the negro year book publishing company, 1919.

WORK, Monroe N. (ed.). *A Bibliography of the Negro in Africa and America*. New York: The H. W. Wilson Company, 1928.

WORK, Monroe N. A Bibliography of the Negro in Africa and America: review by Monroe N. Work and Monroe N. Work. *Africa: Journal of the International African Institute, Cambridge*, v. 2, n. 1, p. 81-83, Jan. 1929.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de Doutorado às pessoas autoras – Código de Financiamento 001.